

VOCÊS SABEM ONDE ESTÃO?

Relato de participação no curso de Artes Cívicas, de Francesco Careri, em Roma (2022)

DO YOU KNOW WHERE YOU ARE?
*Report of participation in Francesco Careri's
Civic Arts course, in Rome (2022)*

Daniela Vicentini¹

Resumo

Neste texto, apresento minha experiência como participante do curso de Artes Cívicas, conduzido por Francesco Careri, do Departamento de Arquitetura e Urbanismo da *Università degli Studi Roma Tre*, no primeiro semestre de 2022. Acompanhei as aulas de caminhadas pela cidade de um ponto de vista de artista e estrangeira, doutoranda em artes. Entremeu minhas impressões a conceitos e práticas artísticas que fundamentam o método peripatético de Careri no curso de Artes Cívicas. A escrita é um relato psicogeográfico daquilo que vivi em Roma no âmbito desse curso. A escrita é também uma nova camada de experiência de habitar a cidade. Aparecem neste texto apontamentos sobre o grupo Stalker, a psicogeografia, o conjunto habitacional Corviale e, principalmente, a prática pedagógica de Careri.

Palavras-chave: Francesco Careri, Artes Cívicas, psicogeografia, Corviale.

Abstract

In this text, I present my experience as a participant of the Civic Arts course, conducted by Francesco Careri, from the Department of Architecture and Urbanism at the Università degli Studi Roma Tre, in the first semester of 2022. I followed the classes of walking around the city from a point of view of an artist and foreigner, a doctoral student in arts. I interweave my impressions with artistic concepts and practices that underlie Careri's peripatetic practice in the Civic Arts course. The writing is a psychogeographical account of what I experienced in Rome as part of this course. The writing is also a new layer of experience of inhabiting the city. This text includes references to Stalker groups, psychogeography, the Corviale housing estate and, above all, Careri's pedagogical approach.

Keywords: Francesco Careri, Civic Arts, psychogeography, Corviale.

Quando criança, na década de 1980, lembro de um dia em que, na pequena cidade do interior de São Paulo onde morávamos, uma amiga encorajou-me a atravessar em equilíbrio as manilhas de concreto que criavam pontes no Bueirão – o riozinho que recebia dejetos da cidade tinha esse apelido. Eu devia ter uns 10 anos. Estávamos perdendo tempo na cidade, explorando lugares proibidos, e ela era muito mais corajosa que eu. Realizar a façanha nesse dia, a de me equilibrar sobre as manilhas e seguir o rio, me trouxe entusiasmo, no sentido mesmo da palavra, um arrebatamento, uma alegria que guardo comigo até hoje.

No primeiro semestre de 2022, fiz um doutorado-sanduiche com tutoria de Francesco Careri, professor do Departamento de Estudos Urbanos da *Università degli Studi Roma Tre*². Segui, por um semestre, o curso que ele ministra, intitulado Artes Cívicas, programado para ser realizado totalmente caminhando. Em suas palavras: “Artes Cívicas, termo que tem a ver com *civitas*, o estado de cidadão, o fato de se produzirem não apenas espaços, mas também cidadania, senso de pertencimento à cidade. Não apenas produção de objetos, instalações e pinturas, portanto, mas também deambulações, significados, relações” (CARERI, 2017, p. 100).

Alguns momentos do curso despertaram em mim a mesma alegria que senti ao superar as manilhas no rio da minha infância: reavivou a minha criança e me fez viver no corpo a descoberta de sendas na cidade. Para chegar perto do rio, a gente deve ter passado por algum buraco na cerca, por alguma coisa que nos tivesse indicado a passagem. Escrevo este texto num fluxo contínuo, em que um assunto vai levando a outro, como um passo depois do outro, numa caminhada. Pontuo conceitos, paradas para a observação atenta de algo no percurso. Ainda que realizada com um grande grupo de pessoas, narro minha experiência íntima, aquilo que dos lugares foi se tornando minha paisagem interna.

As aulas começaram em março de 2022, numa sala da *Università degli Studi di Roma Tre*, com muitos jovens estudantes do curso de Arquitetura, muitos em intercâmbio pelo projeto Erasmus, provenientes da Espanha, França, Alemanha, Peru, Uruguai, China, Turquia, entre outros países; eu, brasileira, estudante de Artes de doutorado; Julie Flaubert, artista e professora em Montreal; Leroy S.P.Q.R'Dam e Emanuele Caporrella, arquitetos; e auxiliares da disciplina. Éramos mais de 50 pessoas. No mesmo dia, saímos da universidade com a promessa que foi cumprida pelo professor: “Não vamos mais voltar aqui”.

Esta é uma regra do curso. “É preciso ter uma regra”, ele brinca. Caminha-se até um ponto e, no encontro seguinte, aquele será o início do próximo. A fama, muito comentada entre os alunos, é a da alegria de um curso dado completamente caminhando. Em alguns anos, haviam saído do campus da universidade e chegado à praia, em Ostia, no Lazio; em outra edição, haviam chegado ao Monte Cavo, bem perto da moradia

² Francesco Careri (1966) é arquiteto e professor associado do Departamento de Arquitetura da *Università degli Studi Roma Tre*, onde é diretor do Mestrado em Estudos Ambientais e Territoriais / *Environmental Humanities* e do Mestrado em Artes Cênicas e Espaços Comunitários. É cofundador do Stalker/Observatório Nômade, com o qual vem experimentando ações urbanas e práticas de intervenção criativa na cidade, desde 1995, participando de exposições de prestígio e obtendo vários prêmios e aquisições em coleções internacionais de arte e de arquitetura. Sua atividade docente e profissional começou na França, no final da década de 1990, como professor visitante em Orléans e com a construção de cinco casas experimentais em Nantes. Desde 2006, é pesquisador universitário na *Università degli Studi Roma Tre*, onde é membro do conselho de doutorado em *Landscapes of the Contemporary City*, Políticas, Técnicas e Estudos Visuais. É titular do Laboratório de Projeto Arquitetônico e do Curso de Artes Cívicas, um curso opcional com uma estrutura peripatética que ocorre inteiramente caminhando, analisando e interagindo com fenômenos urbanos emergentes. FONTE: <http://articiviche.blogspot.com/p/who.html>. Tradução da autora. Acesso em 20 maio 2023.

¹ Doutoranda em Artes, na linha de pesquisa em Processos Artísticos Contemporâneos, da Universidade Estadual de Santa Catarina (PPGAV-UDESC). Formou-se em Pintura pela Escola de Música e Belas Artes do Paraná (EMBAP, 1995); fez mestrado em História Social da Cultura, na PUC-Rio de Janeiro, em 2000. Participa do Grupo de Pesquisa “Articulações Poéticas”, UDESC. Investiga conceitos de natureza e realiza obras em caminhadas, aquarelas, escritos e processos colaborativos. vicentinidan@gmail.com <https://orcid.org/0000-0003-0894-4287> . <http://lattes.cnpq.br/0553803387885690>

atravessar	um território	caminhar
abrir	um sendeiro	
reconhecer	um lugar	
descobrir	vocações	
atribuir	valores estéticos	
compreender	valores simbólicos	
inventar	uma geografia	orientar-se
conceder	os topônimos	
desejar	um barranco	
subir	uma montanha	
traçar	uma forma	
desenhar	um ponto	
pisotear	uma linha	perder-se
habitar	um círculo	
visitar	uma pedra	
relatar	uma cidade	
percorrer	um mapa	
perceber	os sons	
guiar	os odores	errar
observar	os espinhos	
escutar	os buracos	
celebrar	os perigos	
navegar	um deserto	
cheirar	uma floresta	
adentrar	um continente	imersão
encontrar	um arquipélago	
hospedar	uma aventura	
medir	um entulhamento	
captar	alhares	
povoar	sensações	
construir	relações	vagar
achar	objetos	
pegar	frases	
não pegar	corpos	
perseguir	pessoas	
assediar	animais	
entrar	num buraco	penetrar
interagir	um engradado	
escalar	um muro	
pesquisar	um recinto	
seguir	um instinto	
deixar	um trilho	
não deixar	rastos	ir adiante

que encontrei, na pequena cidade de Rocca di Papa, nos Castelos Romanos. Careri ministra essa disciplina desde 2006.

No entanto, na edição em que participei, de 2022, foram feitos três encontros com caminhada pela cidade de Roma para se chegar, na periferia, a um complexo habitacional chamado Corviale, e ali ficamos até o final do curso. A cada encontro, era solicitado aos alunos que fizessem mapas psicogeográficos do percurso realizado.

O conceito de psicogeografia foi cunhado por Guy Debord, no movimento Internacional Situacionista, sediado em Paris, na década de 1950, e se refere aos efeitos do meio geográfico sobre as emoções e o comportamento das pessoas³. Aqueles que produzem

³ O termo aparece pela primeira vez na revista *Potlatch*, de 1954. Para conhecer mais sobre o assunto, ver o artigo de JACQUES, Paola Berenstein. Breve histórico da Internacional Situacionista. Disponível em: <https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/03.035/696>. Acesso em: 20 maio 2023.

mapas psicogeográficos procuram recuperar as suas sensações ao atravessarem um território. A psicogeografia e a teoria da deriva são noções compreendidas dentro de um grande tema, o do “urbanismo unitário”. Numa atitude de anonimato artístico e de ativismo, os programas visavam elaborar uma cidade que permitisse condições e vivência do tempo livre, uma cidade lúdica e não apenas desenhada em sua funcionalidade e com relação ao trabalho e à produção. A psicogeografia também diz respeito ao remanejamento do meio urbano de modo a incidir na afetividade das pessoas. Essa ativação de jogos de percepção entre pessoas e cidade, com o objetivo de apreender as pulsões da cidade, tem como antecedentes históricos o *flâneur*, da Paris do século 19, as caminhadas dadá, o conceito de deambulação dos surrealistas e o maravilhamento com a realidade dos letristas. São conceitos que se tornaram arquétipos da experiência moderna da cidade e que se reportam à errância, àqueles que vagueiam e perdem tempo e não se coadunam ao sistema produtivo. Das primeiras deambulações surrealistas

nascia a ideia de formalizar a percepção do espaço cidadão sob forma de mapas influenciadores, que reencontraremos junto com a visão de uma cidade líquida nas cartografias situacionistas. Isto é, pensava-se em realizar mapas baseados em variações da percepção obtidos mediante o percurso urbano, em compreender as pulsões que a cidade provoca nos afetos do pedestre (CARERI, 2013, p. 82).

Francesco Careri escreveu um livro, já traduzido em muitas línguas, inclusive em português, intitulado *Walkscapes: o caminhar como prática estética*. Esse caminhar diz respeito, entre outras coisas, ao orientar-se, perder-se, errar, imergir-se, vagar, penetrar, observar, desenhar, ir adiante, pesquisar, deixar rastros e assim por diante. Há uma página desse livro que considero uma obra de arte. Nela são sugeridas ações nômades com o jogo das palavras nas colunas (Figura 1).

Careri defende a ideia do caminhar como ato estético e de construção da paisagem. O nomadismo é também arquétipo da arquitetura: a origem da arquitetura, e das cidades, deve ser entendida numa relação entre nômades e sedentários ou entre vazios e cheios, entre lugares de passagens e lugares construídos. Conceito fundamental do autor, o percurso tem três significados: é o ato da travessia, é linha que atravessa o espaço e é estrutura narrativa sobre o relato de percorrer o espaço. O percurso é forma estética à disposição da paisagem.

O início das derivas, deambulações e incursões psicogeográficas de Careri, pode-se dizer, se dá entre 5 e 8 de outubro de 1995, quando, junto com outros artistas e arquitetos, o grupo realizou uma caminhada a pé pela periferia de Roma, naquilo que entenderam como o “território atual” da cidade, ou seja, áreas marginais, vazios urbanos, espaços abandonados ou em vias de transformação. Território atual é um termo que se reporta às incursões do artista norte-americano Robert Smithson pelas áreas industrializadas abandonadas da periferia de Nova York. Foi a caminhada iniciática do grupo Stalker – nome de um personagem de um filme homônimo de Andrei Tarkovski que conhece o jeito de entrar e se mover num ambiente abandonado e perigoso denominado zona. Produziram muitas fotografias, um vídeo, um mapa, um diário de bordo e um manifesto.

Em 1999, o grupo Stalker passa de uma fase menos exploratória, de observadores curiosos e sensíveis, a uma mais ativa na participação de transformação dos lugares. Junto com a associação Azad, propõe à comunidade dos refugiados curdos ocuparem e recuperarem um edifício no Campo Boário, um grande local aberto que fica no ex-matadouro de Roma, bem ao lado da *Università degli Studi Roma Tre*. A situação dos povos curdos é muito complexa, chegando ao ponto de não terem território. Numa

- All different, All together! -



Figura 2 – Mapa de Chiara Davoli e Leroy S.P.Q.R'Dam. Fonte: CIRCO: un immaginario di città ospitale. Roma: Bordeaux, 2021. p. 73.

ampla imigração para a Europa, a comunidade chegou a Roma e passou a viver em casas de papelão, perto do Coliseu. Com a ocupação do edifício no Campo Boário, foi criado o Ararat:

Em poucos meses, a grande praça de asfalto é transformada em um campo de jogos, uma lousa na qual se desenham, com liberdade total, ações de interação com a comunidade, para produzir um espaço público fundado no acolhimento e na solidariedade. (CARERI, 2017, p. 26)

Com toda a dificuldade que advém de um trabalho com esse teor, o de propor moradia num edifício abandonado, um encontro entre diferentes culturas, em que é necessário rever ideias preconcebidas de aproximação e diálogo, a sensação que tenho, pela leitura do relato de Careri sobre esse acontecimento, é a de uma vibração produtiva, entusiasmante, que o encontro coletivo e construtivo pode fazer surgir. É com esse calor, com uma vontade produtiva, que nasce o curso de Artes Cívicas, algo que se

situa entre a arquitetura e a arte pública, em que projetos no papel se chocam com as complexidades da realidade e se pode atuar sem produzir propriamente objetos e projetos, mas percursos e relações (CARERI, 2017, p. 25-30).

Assim que iniciamos nossa caminhada, em março de 2022, o Ararat foi um dos primeiros lugares pelos quais passamos, paramos, entramos, hóspedes da comunidade e do professor que nos conduzia. Depois seguimos e, com poucos passos, percorremos galpões ocupados por diferentes culturas, que construíram ateliês de moda, marcenaria, serigrafia, entre outros. Mais alguns passos, chegamos perto do rio e nos equilibramos numa passarela quebrada. Sob a ponte de concreto do rio Tibre, um grupo de alunos de Careri havia construído um alojamento para gatos, como um trabalho de final de curso de outra edição da disciplina. Pelo que entendi, a proposta é a de que, no percurso, os alunos se deparem com algo que lhes faça vir a ideia de possíveis projetos e produzam algo de fato.

Mais adiante, uma outra prova de final de curso foi a instalação, perto do bambuzal que há nas margens do rio Tibre, de um percurso que aludia a imagens dos passos do inferno, do purgatório e do paraíso, da *Divina comédia*, de Dante Alighieri. Dois alunos, sozinhos, cortaram bambus e construíram passagens, montes, túneis, elementos pendurados, labirintos. Careri leu trechos da *Divina comédia* enquanto estávamos ali. Pude perceber desde o primeiro dia que o curso de Artes Cívicas instiga o querer fazer, faz os jovens terem vontade de produzir, transformar, criar. Terminamos esse dia de aula num espaço que funciona como casa de apoio a mulheres que sofreram algum tipo de violência e também em que menores condenados podem fazer um trabalho social para se reabilitarem. Nesse espaço, Careri e os alunos haviam feito, em outra disciplina, uma construção em madeira cujo projeto é de Leonardo da Vinci. Fiquei pensando sobre um dos jovens na reabilitação, que ele nos contou que havia apenas furtado um moletom, mas como era de origem *rom* (assim os italianos chamam os ciganos), a condenação adquiriu o rigor de uma prisão.

Sobre aquele dia, e depois para todos os outros, Careri pediu a seus alunos que fizessem um mapa psicogeográfico. Experimentei fazer meu mapa com palavras (Figura 3). Não é tão simples construir um mapa psicogeográfico. É um relato do percurso? É um desenho gráfico? É um desenho subjetivo? Podem ser palavras? O ajudante de Careri, o arquiteto e artista Leroy S.P.Q.R'Dam, foi trazendo referências nos encontros das aulas e fazendo leituras críticas dos mapas feitos pelos alunos. Ele é autor de muitos mapas e, entre eles, está o da Figura 2, que elenca em Roma os edifícios que foram ou que têm potencial para serem ocupados, no âmbito de uma defesa do direito à moradia, questão urgente em tantas grandes cidades. É um mapa que tem uma força visual, um sentimento que se explicita, uma ideologia. É um mapa que representa lugares que parecem ter sido vividos por aquele que o desenhou, vistos simultaneamente de cima e de dentro.

Entendo que no âmbito da disciplina o propósito dos mapas era o de ir criando um diário, uma memória dos percursos, e o de incitar os alunos a exercitarem soluções gráficas para a representação dos lugares percebidos nos deslocamentos que estávamos fazendo. Era um modo de ir colhendo as observações, explorando e concretizando algo.

Em mais dois encontros pela cidade de Roma, passamos pela recém-construída residência estudantil da universidade, em um terreno onde viviam alguns ciganos que foram transferidos para outros lugares. Ao lado desse grande edifício cinza, algumas famílias ciganas resistiram ao despejo e assistimos a uma dança feita pelas crianças. Careri conhecia todas as pessoas por onde passávamos. Mais adiante, chegamos ao Acrobax, um espaço cultural num grande galpão que fora ocupado, em cuja fachada



o artista urbano Blue fez um grafite. Roma tem muitos espaços ocupados, locais para moradia ou espaços culturais.

Nesse mesmo dia, pulamos um muro e fomos à margem do rio Tibre. Depois que caminhamos um tanto no barranco enlameado e entre os galhos das árvores, estávamos afastados uns dos outros quando uma pessoa começou a chamar do alto. Sou policial, ele disse, vocês estão invadindo propriedade privada, quero ver o documento de todos. Subimos, voltamos, observados por olhos curiosos de algumas pessoas que estavam no terreno de equitação que havíamos invadido. Eu, estrangeira, com toda a minha família na Itália, procurando modos de conseguir permissão de estadia aos meus três filhos e marido, tendo ido várias vezes até a polícia de imigração, estudante bolsista, só não estremei porque estávamos num bando. E de fato foi isso que salvou. Quando o policial viu pipocar gente das margens do rio, não acreditava. Éramos muitos, e fizemos um círculo. Ele fez breve discurso.



Seguimos, passamos por pontes, foram abertos buracos nas cercas para passarmos, entramos num bambuzal pisoteando para abrir passagem, pulamos portão, caminhamos ao lado do trilho de trem, conversamos com algumas pessoas, passamos por campos em ruínas, bairros de casas populares, lugares que não pareciam Roma, mas que Careri pontuava ser essa a verdadeira Roma, uma cidade de cheios e vazios, uma cidade que pulsa em camadas, a cidade de Pasolini.

Por onde passávamos, Careri perguntava: “Vocês sabem onde estão?” E ensinava sobre os edifícios, a história, os lugares, as pessoas. Para mim, essa pergunta caiu num lugar menos prático e mais existencial. Minha viagem ocorreu no âmbito da pandemia de covid-19, deslocando-me, em dezembro de 2021, do Brasil para Roma, passando pela Irlanda, porque brasileiros não podiam entrar diretamente na Itália. Ali, com minha família, pegamos covid, e não sabíamos se conseguiríamos entrar na Itália. Deu certo, organizamos casa, escola, a vida cotidiana para todos. Encontrei moradia na encosta de um vulcão dormente, mas não extinto. Da minha janela, com ampla vista para Roma e para o lago Albano, realizei aquarelas do pôr do sol, observando seu deslocamento de fevereiro a junho, conectando-me com as cores do entardecer que foram atuando na ansiedade de todas essas ações. De algum jeito, ainda que totalmente privilegiada, com amparo monetário, eu vivi sensações de ser estrangeira, a incerteza de permanecer no território, as idas e vindas até a polícia, a moradia na periferia cujo acesso se dá por metrô e ônibus, com parques horários e com muitas greves. Meios públicos em que mal se escuta a língua italiana, frequentados por pessoas provenientes de países asiáticos, do Leste Europeu, da África. Por que construímos terminais de ônibus frios, fantasmagóricos, um tanto funcionais, um tanto descuidados, como o de Anagnina? Acho que esse foi um dos lugares por onde mais passei em Roma. Nesse cenário, e com o advento da guerra na Ucrânia, a pergunta “Você sabe onde está?” ressoou em mim de um modo mais coletivo, mais amplo, de uma Terra vista de cima: Sabemos onde estamos?

A partir do quarto encontro, a disciplina de Artes Cívicas se desenvolveu no complexo habitacional Corviale, situado na periferia sudoeste de Roma. Projetado pela equipe do arquiteto Mario Fiorentino na década de 1970, inaugurado em 1984, é um edifício de concreto de um quilômetro de extensão. Idealizado num período de significativo aumento populacional, o edifício de moradias populares previa no seu quarto andar um local de serviços, comércio e áreas comuns. Uma concepção de moradia popular que não fosse apenas dormitório para trabalhadores da periferia, mas que se constituísse num conjunto arquitetônico autônomo, com escolas, postos de saúde,



teatros, quadras de esportes e muitas áreas comuns. No entanto, esses serviços não foram implementados e ocorreu uma ocupação do quarto andar e sua transformação em moradias engembradas. De propriedade do município de Roma, o ATER cuida da distribuição de casas populares. Já desde meados da década de 1980, o Corviale tornou-se moradia, mas era longe da cidade e o acesso era difícil. As mídias foram difundindo para a população de Roma a fama de Corviale ser, inclusive pela sua imponência arquitetônica, um monstro, lugar de violência, drogas e precariedade social. Algumas pessoas tinham vergonha de morar no Corviale. Com o passar dos anos, foram sendo feitas associações de moradores e o bairro se tornou palco de várias iniciativas sociais e comunitárias.

Francesco Careri escreveu o texto “Modello Corviale: ações e programas entre arte, arquitetura e urbanismo”, em que conta vários momentos de sua atuação nesse conjunto habitacional, desde 1990, como estudante, depois como arquiteto e artista, integrante do grupo Stalker e, também, como professor. Desde 2018, em parceria com a região do Lazio, o Departamento de Arquitetura da *Università degli Studi di Roma Tre* implementou o *Laboratório di Città Corviale*, tendo como coordenadores os professores Dr. Giovanni Caudo e Dr. Francesco Careri, com a equipe das arquitetas Dra. Sara Braschi, Dra. Sofia Sebastianelli e Dra. Maria Rocco. Um dos objetivos do laboratório é o de dar suporte a dois grandes projetos urbanísticos que estão ocorrendo no local, o Regenerar Corviale, de Laura Peretti, e o Quilometro Verde, de Guendaline Salimei. Nos espaços postos à disposição pela ATER, o Laboratório di Città Corviale propõe ativar ações de acompanhamento social e cultural de modo a traduzir as intervenções arquitetônicas em políticas de desenvolvimento que envolva as realidades territoriais. E um dos temas principais é o quarto andar e a reorganização de moradias para as pessoas que ali habitavam.

Depois de uma extenuante caminhada, a mais longa que fizemos, Sara Braschi e Sofia Sebastianelli nos receberam com comidas e bebidas em nossa primeira chegada ao Corviale. A partir desse dia, sempre nos encontrávamos na pracinha artística que abriga ateliês de gravura, escultura, restauro e, também, a sede onde as arquitetas desenvolvem o trabalho, ao lado de um grande anfiteatro a céu aberto. Nos encontros seguintes, as arquitetas e os professores foram mostrando o edifício por dentro e

por fora, explicando os projetos e apresentando várias iniciativas e programas que ali acontecem. O quarto andar já foi desocupado e o laboratório organizou uma exposição com fotografias de como eram esses apartamentos, dentro desse ambiente em demolição. Um modo de seguir as intervenções de reestruturação do andar, num processo de respeito a toda a afetividade que as pessoas vão adquirindo com suas casas. Isso me traz à mente, no sentido oposto de atuação das autoridades nos projetos urbanos, a música de Adoniran Barbosa, de 1951, em que ele narra a destruição da sua “maloca”, quando cada “táuba” que caía doía no coração, e pra esquecer eles cantam a saudosa maloca, onde passaram “os dias feliz de suas vida”.

Corviale é uma cidade. Na frente dos grandes edifícios de apartamentos, há quadras de esporte, teatro, salas de atividades artísticas, restaurante, bar, biblioteca, sala de rádio, entre outros serviços. Visitamos o projeto social de futebol, a galeria de arte e a exposição de fotografias. Caminhamos pelos vários blocos e ao redor dos edifícios.

A professora e artista Dra. Julie Flaubert, de Montreal, que estava fazendo um pós-doutorado com Careri, apresentou seu trabalho num dos corredores, bem na frente dos armários de correio. Ela faz uma arte sonora *site specif*: grava sons no mesmo local onde monta a estrutura, para serem escutados, num processo de registro e edição. Organizou grupos de quatro pessoas e, com fones de ouvido, escutamos as gravações. Ali parada, observei e, ao meu redor, as coisas e pessoas em movimento como que entraram no ritmo dos sons que eu estava escutando duplicado nos fones, potencializando a minha presença naquele lugar específico. O estímulo sonoro trouxe uma outra dimensão do tempo e do espaço. Saí da experiência atenta à escuta de lugares.

Alessandro Fornaci, da *Stamparia del Tevere*, desenvolveu com os alunos algumas atividades de gravura no seu ateliê no Corviale: uma estampa de serigrafia de uma única cópia feita com um papel colocado sobre a tela, e, num segundo encontro, uma incisão de gravura sobre *plexiglass*, simulando a impressão da gravura em metal. Conduziu com muita paciência experiências de gravações para um grande grupo de pessoas. Eu fiz uma bolsa com a frase que intitula este texto: *Sapete dove siete?* (Vocês sabem onde estão?).

Tive a oportunidade de realizar uma atividade experimental com os alunos, uma esfera em argila. Concordamos que seria feito num local específico. Inicialmente, eu havia pensado sob as árvores de um bosque, pelo qual havíamos passado, mas Careri sugeriu um outro lugar. Leroy me levou sob uma árvore, num campo em que o mato estava um tanto alto. Vi um rato correndo. Na hora, um tanto surpresa por aquele lugar de certo modo inóspito, não me dei conta, mas depois percebi que a árvore era um carvalho (em italiano, no feminino, uma *quercia*).

O meu projeto de doutorado-sanduiche foi o de ir para Roma investigar o território em que Joseph Anton Koch, outrora, no início do século 19, havia percorrido. Esse artista proveniente do Tirol chegou caminhando dos Alpes a Roma, e depois se aventurou até a cidade medieval de Olevano Romano; ali conheceu Cassandra Ranaldi, com quem se casou. Sou descendente desse encontro por parte da família da minha avó paterna. Koch faz parte do grupo pioneiro de artistas alemães que pintaram as paisagens daquela região. Até hoje a Academia Alemã de Belas Artes tem duas propriedades no local e realiza um projeto de bolsistas de arte contemporânea de todas as mídias, escritores, músicos, artistas visuais, atores, arquitetos. Nas minhas idas até essa pequena cidade medieval, que fica a uma hora de Roma, obtive a informação de que Koch é considerado aquele que descobriu a floresta da Serpentara, com árvores de carvalhos, com algumas rochas, perto de um riacho. Hoje esse bosque está fechado, pois fica dentro de uma dessas propriedades privadas da Academia Alemã, e no local



há uma casa que abriga os bolsistas. Fiz amizade com o artista Mark Baker, que estava em residência naqueles meses, e ele abriu a floresta para mim. Como num ritual, pintei semanalmente aquelas árvores, aquele bosque, as rochas. Caminhei por aquele território. Desci no riozinho no inverno e tinha um tanto de água, mas no verão ele estava seco. Eu criei uma súbita ligação entre as duas ações que estava desenvolvendo naqueles meses, quando me dei conta de que no Corviale também havia encontrado um carvalho. Vale lembrar que a essa árvore é atribuída uma simbologia de força e proteção na cultura europeia, de guardiã das florestas.

O encontro com o grupo dos alunos de Arquitetura da disciplina de Artes Cívicas foi realizado no dia 19 de maio de 2022. Consegui a argila com Stefano de Santis, artista que tem ateliê na pracinha dos artistas, e fiz pequenos pacotes que pudessem ser levados pelos participantes. O grupo estranhou chegar naquele lugar com o mato alto, mas havia uma grande sombra. Logo eles entenderam que o lugar fazia parte do trabalho. Eu havia levado uma toalha redonda para criar um círculo sob o redondo da sombra da árvore e alguns panos para sentar. Ficamos ali 2 horas e não vimos o tempo passar.

Passei a instrução de como fazer a esfera: em pequenos pedaços, ir juntando até trazer a forma, no tamanho da mão de cada pessoa. Algumas estavam envolvidas, algumas fazendo de qualquer jeito. Terminamos a esfera e, em pé num grande círculo, passamos para os colegas. Era muita gente, umas 40 pessoas. Num pequeno grupo que terminou antes, falei para trocarem a esfera entre si. E escutei o maravilhamento entre elas. Uma delas pediu muito cuidado com a sua esfera para a colega, era preciosa para ela.

Em círculo no grande grupo, passamos a esfera para três pessoas e depois voltamos para a que cada uma tinha feito. Perceber a esfera do outro traz diferenças de temperatura, peso, opacidade – traz a diferença do outro. A ideia era terminar aí, mas não sei o que me ocorreu na hora e decidimos continuar. A partir da esfera, pode-se fazer tudo. Não sei se senti que dando um próximo passo poderia suscitar mais interesse. O fato é que continuamos a transformar a peça, aproveitando a conexão consigo e depois com o outro que a ação de modelar a esfera traz. Mostrei a eles como, com apenas alguns gestos das mãos, podemos sair da esfera e fazer um tetraedro. O dia estava ensolarado, estávamos em maio, tínhamos saído de um frio intenso para o calor sem mediação. A argila estava secando e rachando, mas conseguimos driblar um pouco isso com borrifo de água. Para alguns, foi difícil sair da leveza e do conforto da esfera e ir para a dificuldade e destreza do tetraedro. Para outros, era importante o desafio, e foi gratificante a conquista da forma. Alguns vieram agradecer. Uma aluna

contou como foi agradável modelar a esfera, como ela teve que pensar muito para conseguir fazer o tetraedro e a ansiedade que isso provocou. Talvez tenha sido bom para sublinhar as formas do reto e do redondo, sentir nas mãos a qualidade de cada uma dessas forças. Estávamos num local em que predomina o reto, com a construção imponente de concreto de Corviale, sob a abundante sombra toda redonda da grande árvore. Depois que saímos dali, vimos o mato rebaixado pelo peso de nossos corpos. Leroy comentou com os alunos que a minha ação era um bom exemplo da tal prova que os alunos deviam fazer para ativar um lugar que pudesse trazer às pessoas a vontade de revisitá-lo. Um lugar que tenha sido visto de dentro.

Trago alguns exemplos, em imagens, das provas finais dos alunos que foram feitas no final de junho. No blog de *Arti Cíviche*, indicado nas referências, pode-se ver todas as propostas realizadas, com fotografias e textos.

Uma das propostas foi feita sob essa mesma árvore. Os alunos construíram um percurso, rebaixaram todo o gramado, escreveram mensagens, penduraram garrafas, colocaram um espelho no centro, criaram uma narrativa.

Outro grupo de alunas fizeram um percurso num bosque, reavivaram um caminho que era previsto no projeto original dos arquitetos de Corviale e estava esquecido: criaram sinais para as pessoas, com a construção de portais com galhos das árvores que encontraram no local, e indicaram com faixas de tecido plástico azul na cerca o lugar que poderia ser percorrido; ao final, amarraram redes nas árvores.

Outro grupo trabalhou numa casa em ruínas ao lado do edifício de concreto. Tiraram muito entulho do local, disseram que a cada vez que iam encontravam mais lixo deixado ali; escreveram dizeres nas paredes com tinta rosa e com o cuidado da escolha da tipografia; e construíram dispositivos de percepção do entorno, demarcando com a tinta lugares aonde ir, subir ou observar.

Quatro alunas trabalharam numa área do quarto andar que poderia ser considerada um “erro de projeto”, um lugar de convívio fechado, sem aberturas para o exterior. As alunas perguntaram aos moradores: o que vocês gostariam de ver além do muro? E fizeram ações com as famílias, com as crianças, desenharam tabuleiros de jogos nas mesas, dispuseram livros no local, um trabalho que envolveu concretamente as pessoas que vivem no Corviale.



Figura 8 – Trabalho de Valeria Esposito, Martina Lena De Gregorio e Maria Chiara Fresilli Tomassetti. Fonte: Integrantes do curso de Artes Cívicas. Figura 9 – Estudantes Alpaslan Sahin, Nina Pravst, Leonie Cozzolino e Luisa Borowski Tomassetti. Fonte: Integrantes do curso de Artes Cívicas.

Este texto contempla dois momentos de experiência: a de lembrar as deambulações em Roma e a de construir uma narrativa que a contemple. Aquilo que se vive é fragmentado no constante intercâmbio com o espaço da cidade. Essa experiência torna-se aqui adensada pela escrita, pela pesquisa e pelo estudo de conceitos. Para escrever esta narrativa, li alguns escritos de Careri que relatam um tanto de sua trajetória com ações colaborativas e as reflexões que as impulsionam. Tendo já participado do curso, seus textos e conceitos adquiriram uma densidade corporificada. Tornaram-se fatos. Este relato se faz como um percurso, um mapa psicogeográfico.

A metodologia de Careri é simples e tem uma regra: “não se pode voltar”. É uma travessia que nos coloca à deriva. Eu me sentia estrangeira em vários sentidos, não só por ser brasileira. Havia uma estranheza em estar entre estudantes, em outra fase de vida, cadenciando o tempo com a rotina familiar, ainda num contexto pandêmico. Sentia-me num certo descompasso. Minha deambulação já havia iniciado com a decisão de viajar sem ter organizado moradia e escola, sem saber se conseguiríamos entrar e permanecer na Itália. A confiança no trajeto vai sendo construída junto com a caminhada, ao se adequar e se alegrar com as oportunidades. Foi incrível viver numa casa de 1930, no meio de um bosque, com ampla vista para o lago Albano. Ao mesmo tempo, por exemplo, para chegar à pracinha de Corviale, era uma caminhada de 20 minutos e 2 horas de transportes públicos.

Depois de experimentar ou mesmo lembrar a relação que temos quando criança com os lugares, volto à Florianópolis entusiasmada em organizar um minicurso reproduzindo a metodologia peripatética de Careri. Formamos um grupo de 4 pessoas e fizemos 4 encontros. Saímos do campus da universidade (UDESC) pela parte de trás. A ideia inicial era percorrer o rio. Quando chegamos próximos do mangue, criamos nossa primeira regra: “não morrer”. Foi lúdico o caminho que fizemos na vegetação do

mangue. Tinha mosquito, tinha cipó embrenhando nos pés. Fizemos um circuito. Eu não saberia daquela paisagem se não tivesse entrado ali. Ativam-se outros sentidos além da visão: o equilíbrio do meu corpo, o cheiro, o som. O jeito que o solo é me permite caminhar abaixada desviando de espinhos ou livre no campo. Olhar para o chão ou não. Pulamos uma cerca e chegamos ao jardim botânico. Ali, receosos de sermos interrogados, começamos a inventar desculpas: “somos pesquisadores etc.”; ou “não sabíamos que era privado”. E assim, em nossa mente, havia o medo de punição por invadir propriedade. A sensação de transgredir traz algo libertador. Uma sensação de poder seguir, ir adiante. No jardim botânico, fomos recebidos por um voluntário, que nos conduziu por todos os espaços e nos ensinou sobre as plantas. Num outro encontro, chegamos ao local de recebimento de resíduos da cidade. Ali, o funcionário mais antigo nos mostrou as áreas de funcionamento. Uma das mais impressionantes é o galpão de separação de resíduos de lixo reciclável, que chega de nossas casas, e é feito por pessoas. Depois de observar essa situação, não é possível viver a cidade do mesmo modo. Sobre esses encontros, feitos sem planejar, combinamos futuramente construir uma publicação coletiva.

O precioso de tudo isso é encontrar e contribuir com um campo acadêmico que reconhece práticas pedagógicas que acessem a experiência de sentir o mundo. A travessia de percorrer espaços que se transformam com ações, narrativas e criações em lugares.

Como se diz obrigada em curdo: Spas!

Figura 10 – Alunas Caterina Boggia, Federica Gosti, Lucia Martin e Giulia Tomassetti. Fonte: Integrantes do curso de Artes Cívicas.

Apoio financeiro

O presente trabalho foi realizado com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

Referências

CARERI, Francesco. *Caminhar e parar*. São Paulo: GGBrasil, 2017.

CARERI, Francesco. *Modello Corviale*: azioni e programmi tra arti, architettura e urbanistica. Disponível em: <http://articiviche.blogspot.com/2022/03/modello-corviale-azioni-e-programmi-tra.html#more>. Acesso em: 23 ago. 2022.

CARERI, Francesco. *Walkscapes*: o caminhar como prática estética. São Paulo: G. Gili, 2013.

CARERI, Francesco *et al.* *CIRCO*: um immaginario di città ospitale. Roma: Bordeaux, 2021.

JACQUES, Paola Berenstein. Breve histórico da Internacional Situacionista. Revista on line *Arquitextos*, 2003. Disponível em: <https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/03.035/696>. Acesso em: 20 maio 2023.

MOREIRA, Susanna. *Um quilômetro de habitações*: o complexo residencial Corviale, em Roma. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/956271/um-quilometro-de-habitacoes-o-complexo-residencial-corviale-em-roma>. Acesso em: 26 set. 2022.

ZANINI, Walter. *Vanguardas, desmaterialização, tecnologias na arte*. São Paulo: Martins Fontes, 2018.